

UBUNTU E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO EM ÁFRICA

Clemente Mendes¹, Bas’Ilele Malomalo²

Resumo: Existe um consenso entre os/as intelectuais progressistas de que o modelo do desenvolvimento capitalista levou a humanidade a uma crise global cujos efeitos se fazem sentir na vida social, econômica, política, jurídica e ambiental. Para se encontrar saídas, faz-se apelo a novas formas de produção de conhecimento para se pensar um novo projeto de sociedade. Dentro deste contexto, é que o presente trabalho de iniciação científica faz parte de um macroprojeto tem por objetivo geral executar um conjunto de atividades investigativas pautando-se na literatura dos/as intelectuais africanos/as e afro-diaspóricos/as que dialogam com a filosofia ancestral do ubuntu/bisoidade visando pensar um projeto alternativo de sociedade. Seu objetivo específico foi de compreender a relação entre Ubuntu e o desenvolvimento econômico em África. Para tanto, fez-se uso de uma abordagem interdisciplinar dos estudos do desenvolvimento, com foco na pesquisa bibliográfica e documental durante a coleta de dados e o emprego do método de interpretação de sentidos no que diz respeito a sua sistematização e interpretação. Chegou-se nessa conclusão: apesar de atravessar uma crise global e não aplicar os princípios da filosofia do Ubuntu, uma parcela de intelectuais africanos/as continuam a apostar nessa última filosofia como fonte de inspiração para a implementação de um novo sistema de gestão em suas instituições. Portanto, o desenvolvimento sustentável da África depende da ousadia de seus dirigentes em renovar e aplicar a filosofia do Ubuntu.

Palavras-chave: Ubuntu. Desenvolvimento. Economia Gestão. Epistemologia.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é parte de um macro-projeto, coordenado pelo professor Bas’Ilele Malomalo, intitulado “Ubuntu/Bisoidade como projeto alternativo de sociedade diante da crise social, econômica, jurídico-política e ambiental do modelo desenvolvimentista ocidental: um olhar a partir da América Latina e da África”.

Trabalhei nele como bolsista e o meu plano de trabalho tinha esses objetivos:

(1) compreender a relação entre Ubuntu e o desenvolvimento econômico da África a partir da literatura africana; (2) analisar nos documentos da Comissão econômica da União

¹ Estudante, Bacharelado em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: clementemendes63@gmail.com

² Docente, Bacharelado em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: basilele@unilab.edu.br

Africana, da Agenda da União Africana de 2063, do Banco do Africano Desenvolvimento e da Comissão do Desenvolvimento Econômico da África se há um diálogo com a filosofia do Ubuntu ou outra filosofia ancestral. Esse último objetivo foi ampliado e incorporou a análise de outros documentos que encontramos ao longo da pesquisa.

METODOLOGIA

A pesquisa pautou-se numa abordagem a interdisciplinaridade que é uma forma de se produzir o conhecimento no campo das Humanidades. Para coletar os dados foi usada a pesquisa bibliográfica que se desenvolve, geralmente, a partir do material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos. Foi empregada igualmente a pesquisa documental que, vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda possam ser reelaborados, de acordo com os objetivos da investigação.

Análise e interpretação dos materiais coletados foram feitas a partir do Método de Interpretação de Sentidos de Romeu Gomes (1994) que se inspira da perspectiva metodológica que defende que o objetivo de Ciências sociais é compreender o sentido das ações ou práticas dos agentes sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Ramose (2002), Ubuntu ontologicamente é o pensamento africano dos falantes da língua bantu. Como conceito está ligado ao Umuntu (pessoa ou ser humano). Devido a esta ligação, Umuntu deriva do Ubuntu como sua categoria normativa básica da ética. Problematizando as quatro categorias da ontologia africana do ser de Kagame: Ki-Ntu³, Mu-Ntu⁴, Ha-ntu⁵ e Ku-Ntu⁶, Ramose (2002) advoga que essa enunciação não seria completa, nem suficiente sem a inclusão da quinta categoria filosófica africana que é Ubuntu enquanto categoria ético-normativa.

³ O existente sem inteligência (coisa).

⁴ O existente inteligente (pessoa).

⁵ O existente localizador (espaço-tempo)

⁶ O existente modal (modo de ser do existente)

O termo Ubu-Ntu é a junção entre Ubu e Ntu, mas que não são ontologicamente diferentes ou separados radicalmente,. São, pelo contrário, ligados e indivisível. Ramose (2002) afirma que a filosofia africana considera o movimento como princípio do ser e, nas línguas bantu, é exatamente o Ubu que traduz esse movimento. Ele é o ser-sendo; o ser encoberto que está sempre orientado em direção ao descobrimento, quer dizer, a sua manifestação concreta. Ubu está orientada ao Ntu. Ubu-Ntu é concretização de Ubu. Portanto Ubu implica o processo em curso e Ntu é que assume a sua forma concreta e é a força ou energia que traduz o devir-sendo que é Ubu. Em outras palavras, Ubuntu é a filosofia da força vital na sua completude.

Um dos documentos que analisamos para compreender a relação entre a filosofia do Ubuntu e o desenvolvimento africano foram os textos produzidos pelos africanos que participaram dos diálogos da plataforma Harmonia Com a Natureza (HCN) em 2016. Esta é um grupo focal do setor do Desenvolvimento Sustentável da ONU que trabalha para o cumprimento da declaração universal dos direitos da Terra, que visa promover e respeitar o direito da natureza. Os assuntos debatidos nos seus documentos têm por finalidades: questionar, explicar e tentar solucionar os problemas do uso da terra. Tenta apontar os benefícios da prática desse uso; e desenvolver leis em uma perspectiva da jurisprudência da terra, pautando-se no reconhecimento dos direitos da Mãe-terra.

Neste debate, os textos dos membros da HCN, que analisamos, afirmaram que respeitar a natureza é única forma de assegurar o equilíbrio, e o bem-estar de todos, bem como, promover a prosperidade econômica de todas as nações. Um dos seus membros é o professor Bas'Illele Malomalo⁷. Ele defende que nossas ações sobre a natureza é que determinam nosso presente e futuro. Pautado-se na filosofia do Ubuntu, ressalta a interdependência e interconectividade entre o ser humano (Muntu), a Natureza-Cosmo (Kintu, Kantu) e a Ancestralidade-Sagrado. Por essa razão é que postula o reconhecimento dos direitos dos demais seres.

⁷ HARMONY WITH NATURE – UNITED NATIONSX. Disponível em: <http://www.harmonywithnatureun.org/knowledgenetwork/dialogue-inputs/>. Acessado em 17 jul. 2017. Texto com leves modificações.



Outros textos apontam que todas as leis humanas devem ser coerentes com a lei da natureza, caso contrário causam uma destruição ambiental irreparável. Portanto, a leis cujos resultados de aplicação causam danos ao patrimônio ambiental devem ser repugnadas. Ou ainda, fundamentam de que a maior causas da degradação ambiental, vem sendo sustentado pela a ideologia filosófica, científica e religiosa que separa o ser humano da natureza considerando-o como o único, específico e legítimo com direito de dominar explorar todos outros recursos e ignorando os outros seres. Nessa perspectiva, o sistema capitalista e as bases do sistema judicial burguês não estão contribuindo para o desenvolvimento sustentável. Por isso, todo o sistema de uso da terra pautado na lógica antropocêntrico, precisa ser reformulado radicalmente.

Outros textos e documentos que analisamos, levaram-nos a perceber o debate que estabelece as relações entre o conceito de Ubuntu e a gestão econômica. Sigger, Polak e Pennink (2010), ao analisar a experiência da Tanzânia, perceberam que quanto se quer falar de gestão nesse continente, não se deve ignorar a filosofia Ubuntu. Anotam que esse conceito tem foco na humanidade, mas até agora não se verifica nenhuma evidência confirmando o emprego do Ubuntu nas organizações da África. Pautando-se em Mogobe, afirmam que a África somente terá condições de concorrer no mercado global, quando utilizar o modelo de gestão com ferramentas da filosofia Ubuntu. Reconhecem junto com Mogobe que a África precisa ter maior competitividade no mercado global, mas que não deve imitar o ocidente ou o oriente. Por isso, deve caminhar por métodos de própria herança cultural da qual o Ubuntu é o elemento estruturante.

Se refletirmos bem sobre o modo de vida e de produção dos povos africanos, podemos perceber que estão basicamente organizada de maneira coletiva. O papel da comunidade é sempre colocado em primeiro lugar. Por conseguinte, como fazem observar Karsten e Illa (2005), a África precisa de criar a sua força de trabalho exclusivamente africana que enquadra a sua dimensão sócio-cultural. Nessa direção é que lançaram um apelo para que as organizações africanas mobilizassem imediatamente os mecanismos de africanização de sua gestão

CONCLUSÕES

A pesquisa revelou que apesar de atravessar uma crise global e não aplicar os princípios da filosofia do Ubuntu, uma parcela de intelectuais africanos/as continuam a apostar nessa última filosofia como fonte de inspiração para a implementação de novo sistema de gestão nas instituições africanas.

Dito em outras palavras, Ubuntu continua sendo visto como caminho para se pensar o desenvolvimento sustentável da África e do mundo, respeitando os direitos de todos o seres existentes (UBUNTU DECLARATION, 2009).

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq pela concessão de bolsa e ao meu orientador por me ter convidado a participar deste projeto.

REFERÊNCIAS

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 79-107.

KARSTEN, L.; ILLA, H. Ubuntu as a key African management concept: Contextual background and practical insights for knowledge application. *Journal of Managerial Psychology*, Vol. 20, No. 7, 2005, pp. 607-620.

RAMOSE, M. B. A ética do Ubuntu. Tradução para uso didático de: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 324-330.

SIGGER, D. S.; POLAK, B. M; PENNINK, B.J.W. 'Ubuntu' or 'Humaness' as a Management : based on the empirical results from Tanzania, CDS Research Report No. 29, July 2010, p. 1-109.

UBUNTU DECLARATION - Ubuntu : From crisis to a just and sustainable world economy, London, UK, 23-25, february, 2009.